

FUTURO

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA mocidade Á CAUSA DA PATRIA

PUBLICA-SE ÀS QUARTAS FEIRAS

Preços d'assignatura :

Para a cidade, por anno 1\$200 rs. — Semestre 600 rs. — Provincias : — Por anno 1\$300 rs. — Semestre 750 rs. (franco de porte.) Anuncios e correspondencias de interesse particular 20 rs. por linha repetição 10 rs.

NUMERO AVULSO. . . 30 rs.

Assigna-se e vende-se na Travessa de S. João n.º 10.

Não se recebem assignaturas por menos de seis mezes as quaes serão pagas adiantadas.

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte, á redacção do FUTURO, Travessa de S. João n.º 10.

Escriptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos; e os de responsabilidade devem vir reconhecidos.

3.º ANNO

NUMERO 112

BRAGA 6 DE MAIO DE 1873

A honra, a gloria, a immortalidade não é, somente, para aquelles que, apesar de tantos infortunios e de tão longa escravidão, não renegaram os principios, não abjuraram as crencas, não apostatarão os dogmas, não ridicularisaram os mysterios, não corromperam a moral, mas antes rubricaram com o sangue de suas veias a religião de seus paes, as tradições de seus maiores, o código de suas leis que tem em seu abono o respeito e homenagem de sete seculos e outras tantas gerações.

A mocidade que ainda não gotejou o sangue das veias na arena dos combates, nem retalhara a carne nas luctas sangrentas das divisões partidarias; que ainda não cretoso a fronte ao sol das batalhas, nem colhêra louros humedecidos em sangue de victimas humanas; nem palmas crescidas entre os ais e gemidos dos moribundos, nem por isso é menos digna de veneração e homenagem, quando se sustenta firme e inabalavel no meio das paixões que nascem, dos odios que refervem, das ambições que crescem, dos prazeres que se multiplicam, dos interesses que se proporcionam.

Nós não sabemos qual é maior coragem e heroismo se disputar no campo a verdade das crencas, a legitimidade dos principios á custa de sangue e morte, se mostrar-se constante no meio das ondas da revolução que ameaça transtornar toda a ordem intellectual e moral e destruir toda a ordem social, zombando da indiferença, desprezando a immoralidade, riendo dos perigos, escarneoando das ameaças, calcando as mais caras seduccões, voltando o rosto ás mais lisonjeiras promessas, dando de mão ás mais brilhantes posições.

A mocidade legitimista trajando a armadura d'antigos tempos, traz na cabeça um elmo, cujos emblemas já foram diadema de gloria — que são hoje coroa de espinhos. De rodela no braço, de lança em riste, combate pelo seu Deus, pela sua Patria e pelo seu Rei.

Encontral-a-hão, ali, aonde a lucta fór mais portada, o combate mais renhido; quebrará mas não hade torcer, quando lhe queiram substituir a integridade dos principios, pelas conveniencias individuais.

Abraçada ás tabuas do Sinai, á cruz do Calvario, ao escudo d'Ourique, ao labaro victorioso d'Aljubarrota e Montes-Claros, disputará em pró da lei e da grei, o ultimo sopro de vida nos campos de Marte, esgotará o ultimo recurso intellectual, o derradeiro argumento nas lides portadas da imprensa, frustrará e tornará inuteis os mais

delicados e sophisticos planos de divisão entre os seus.

E como não havia de ser assim se ella vê tombados, em chão de lodo, pelo furacão revolucionario, os brazões de sua nacionalidade religiosa e politica, a historia de nossas grandezas passadas, coberta com o negro sudario de tantas desgraças presentes?

Quem substituiu a lei pelo capricho e paixões partidarias, a indulgencia pela vingança, o executor da justiça pelo assassino, o código penal por uma legislação completa tirada do bolso e escripta em folhas d'aco?

Quem substituiu a liberdade pela licença, as formulas severas da lei pelas formulas livres do pensamento, os ferros pelo punhal, as cadeias pelas lages ensanguentadas das ruas?

Quem substituiu a liberdade paternal pela liberdade fraticida, a liberdade do christianismo pela liberdade do primogenito do primeiro homem?

Nós? Não que somos de hoje na idade, embora sejamos de ontem e de todos os tempos nos principios, que não envelhecem, nas leis que não morrem, no direito que não acaba, na justiça que não cessa.

Despidos de odios e sem rancores estudamos o passado, admiramos-o, e achamos-o grandioso.

Não contaminados da corrupção que lavra nas entranhas gangrenadas d'um partido que não é o nosso, examinamos o presente, choramos-o, porque o achamos dezastrazo.

Cheios de esperança, porque defendemos a verdade e a verdade hade triunfar, olhamos para o futuro e saudamos-o.

Vencidos, mas nunca convencidos; perseguidos, mas nunca aniquilados; abandonados, mas nunca desanimados, já mais conseguirão abafar em nosso peito a saudade pelo passado, a queixa pelo presente, a esperança pelo futuro.

No verdôr dos annos, no abril da vida, na primavera da mocidade, ha interesses calculados, ambições almeçadas, prazeres desejados, fias premeditados, meios empregados; e no entanto, que védes em nós? calculo d'interesse? mas o nosso partido é vencido e não vencedor.

A aspiração a agrandezas?

Mas o nosso partido não está no poder para distribuir fitas, vender medallas, dar galões.

O desejo excessivo de prazeres?

Mas o nosso partido condemna-os em nome d'uma razão prudente e sensata, de uma moral verdadeira.

A premeditação de fins?

Mas o nosso partido não tem outros que o triunfo da verdade, o esplendor da re-

ligião, o respeito ao sacerdocio, a prosperidade da nação.

O emprego d'outros meios?

Mas o nosso partido não usa d'outros meios que aquelles que tem por base o trabalho firmado na justiça e no dever, e por fim o sacrificio fundado na caridade.

E' a convicção e não o interesse; é a verdade e não as illusões; é a justiça e não a arbitrariedade; é a liberdade e não a licença; é o catholicismo e não o racionalismo; é a independencia, e não a escravidão; é a felicidade e não o abysmo quem nos leva, nos arrasta, como por encanto, a vingar a memoria de nossos paes, a defender a religião de nossos maiores, as tradições de nossos avós, os costumes de nossos antepassados.

Não queremos outra lei que a das côrtes de Lamego, Coimbra e Lisboa; não desejamos outra liberdade e independencia que a do Campo d'Ourique e de 1640; não aspiramos a outra felicidade que aquella que nos tornára respeitados em todas as nações do mundo.

Eis aqui o nosso intento.

Não queremos outra recompensa que a paz do nosso reino, a prosperidade de nossa nação, a felicidade de todos os povos por meio da restauração do direito, da justiça e da verdade.

E' este o nosso fim.

O Liberalismo e a Communa.

Se em outra qua'quer época se fallasse no meio de homens, que tivessem alguns conhecimentos, e mais ainda entre christãos, na existencia de um systema (se este nome pôde dar-se-lhe) que professasse o roubo, o incendio, o assassinato, cuja doutrina fosse a negação de todos os direitos, da propriedade, da familia, das nacionalidades, da Religião, e de Deus, dir-se-hia um impossivel; pois hade dizer-se que isto existiu, no seculo 19.º, seculo que se chamava das luzes, do progresso, e da civilização, e existiu na parte mais civilizada do mundo, e que se chamava communa, sua doutrina socialismo, e que assolou os reinos, e alagou a terra com males.

A communa vai minando a sociedade pelos seus alicerces fundamentaes, e já se acha bastante forte para breve nos castigar com seus horrores: sim castigar; porque este cahos da sociedade, esse diluvio de males eminentes é um castigo merecido, que o liberalismo tem desafiado constantemente com sua perseguição cruel e hypocrita ao catholicismo.

Escusado é provar aqui que a Providencia é quem rege, e governa o universo, nem a falsidade d'aquelles que dizem, que

entertida com os anjos nada se importa com os homens: Deus é infinitamente perfeito em si, e por isso infinita é a sua justiça: logo não pôde deixar os culpados impunes: d'onde com razão se afirma que todos os males, que vem ao mundo, são castigos de sua justiça, que nossa maldade desafia, como disse o profeta Amos — que não ha mal na cidade que o Senhor não haja feito — cap. 3. v. 6

Ora, a furiosa tormenta, que ameaça o mundo, e que vae assolar as nações, affecta os homens como sociedade civil, e como Deus emprega punições analogas aos crimes, que pune, com certeza se conclue, que a sociedade civil é que com seus crimes tem merecido estes castigos; porque Deus n'esta vida não pune para vingar sua justiça, mas para nossa correção; por esta causa são os males com que pune, tão analogos á offensa, que logo se conhece o motivo porque nos fere.

Com effeito é necessario ser cego para não vêr que o horror, que ameaça a sociedade, é um castigo muito semelhante á perseguição que o liberalismo tem feito á Igreja de Jesus-Christo. O liberalismo na verdade, nascido e educado entre os inimigos da Religião, tem-se esforçado em todas as nações, que tyrannizam, por despojar a Igreja de suas regalias, preeminencias e sagrados direitos, que lhe foram dados para nossa salvação por Aquelle seu Fundador divino, que todo o poder tem no ceo e na terra: em nome d'uma liberdade, a liberdade liberasta, atropelara o mais santo dos direitos, tyrannizando e querendo destruir, assumindo em si, a mais independente e livre de todas as soberanias a soberania da Igreja. Porém a Igreja existe, e hade existir, enquanto houver homens no mundo, e o liberalismo vae acabar com morte semelhante, á que queria dar á Igreja. Em nome tambem de liberdade o socialismo proclama que todo o poder e autoridade civil é uma tyrannia, que não ha homem, que tenha direito de mandar, nem homem, que tenha direito de obedecer, e por isso que toda a forma de governo é uma injustiça, que o liberalismo principiára a grande obra da emancipação do genero humano; mas não a continuou, nem a pôde completar, e que por isso é necessario acabar por uma vez com esse simulacro, que por ali ha ainda de reis, e que desapareçam esses governos, que dizendo-se liberaes, ainda escravizam os povos: não é isto mesmo que abater o edificio social, aniquillar a sociedade civil, mutatis mutandis, do mesmo modo, que o liberalismo ha minado a ruina da Igreja?

O liberalismo tem dito desde seu principio, que protege todos os direitos; mas

logo no seu principio com meios violentos, e depois com a chamada lei da desamortização, lançára mãos arrebatadoras aos bens da Igreja: logo é porque não reconhece na Igreja o direito de possuir, que em ultima analyse é o mesmo que negar a Igreja como sociedade, negar a mesma Igreja? Assim o liberalismo mereceu da justiça divina o castigo, que ora ameaça os povos, em que uma quadrilha de ladrões, a que se chama communa, nega todo o direito de propriedade, para lançar mão do alheio: o liberalismo tem roubado os bens da Igreja, chamando-lhe nacionaes, a internacional rouba a propriedade chamando-lhe commum: ha castigo mais analogo?

Ainda mais: Christo estabeleceu sua Igreja absolutamente independente de todo o poder terreno, e a seus Apostolos e successores deu o poder para a reger e governar, sem que potestade alguma da terra tenha com isso mais, que obedecer, sendo christão, como qualquer outro fiel: porém o liberalismo arrega-se autoridade de assentir ou não ás ordenações ecclesiasticas; quer que não só as pastoraes e determinações dos Bispos, mas até as bullas e decretos do Vigario de Jesus Christo não tenham valor, nem sejam publicados aos fieis sem o consentimento do poder leigo, e este despotismo, esta heresia é disposição formal da chamada lei fundamental do reino, a carta constitucional: isto é sujeitar o poder legislativo da Igreja ao Estado; negar de facto a constituição intima da Igreja e sua unidade: negar o seu poder, que é o poder de Jesus-Christo; constituir o governo temporal com facultade de dar a Religião ao povo, o que só pertence a Deus; esbulhar a Igreja do poder, que Jesus-Christo lhe deu; querer introduzir o cahos, a confusão, a desordem no seio da Igreja universal: similhantemente Deus pune a sociedade civil, os governos das nações, que assim offenderam a Esposa de Jesus-Christo, com analogo castigo: dos mesmos principios erroneos do liberalismo nasce a internacional, que transtorna todos os principios da ordem social, induz o cahos e a confusão na sociedade civil, nega aos governos toda a autoridade e poder legislativo, e com o telescopio, com que o patriarcha dos incredulos viu a trave de seis mil annos o homem da natureza proclama o homem rei de si mesmo, sem sujeição alguma a outro homem, nem a ordenações humanas.

E a sociedade soffrendo esse abalo tremendo, cairá n'um abysmo de horror e de sangue, soffrerá o devido castigo de seus delirios e de seus crimes; mas a Igreja permanecerá tal, como Jesus-Christo a instituiu, e será ainda para a sociedade, como tem sido mais que uma vez, a arca

Ha muito que os proprios reis negaram, e sempre desde então tem negado a auctoridade do Papa e da Igreja; e fizeram isto segundo nossos principios

Assim foi tambem nos nossos principios, que a burguezia destronou os reis, e insistiu em governar a nação; e assim agora as classes do trabalho entende, nos mesmos principios, depôr a classe média, e negar a auctoridade dos parlamentos.

(Continúa)

Francisco de Paula.

ver do soldado catholico, a urgente necessidade não só do throno, mas tambem da sociedade.

A restauração do Poder-Temporal é tão importante para a Legitimidade, como a sua queda o foi para a revolução.

Esta aspira á anarchia, ao saque, e tendo ante si o Throno Pontificio, que é a garantia da civilização, concentrou todas as suas forças em o derrubar.

A legitimidade aspira á ordem, não com as vistas egoisticas de só realisar o triunfo da realza, mas com a nobre ideia de a conservar a paz e a felicidade dos povos, escravos e infelizes sob o impio despotismo do liberalismo, felizes e livres na liberdade, que concede a Igreja, a unica possivel para o homem, para as nações. No sacrilego empenho de destruição, de novo liberaes conservadores e communistas se dam os braços.

Defender o Papa é este o primeiro de-

FOLHETIM

Uma defeza da Communa.

(Continuação)

Os liberaes negaram a base de toda a auctoridade, negando a auctoridade da Igreja (no que inteiramente concordamos) e appellam sempre para um voto da maioria, a fim de definir, o que é direito: nós (os communistas) proclamamos não haver acima do homem outra auctoridade mais — que a razão — e que nem a Igreja nem os Reis, nem os parlamentos, teem auctoridade alguma; e por tanto reivindicamos os direitos da minoria, e estabelecemos uma federação da communa sem numero (1).

(1) Este pretendido direito das maiorias é um dos principios fundamentaes do liberalismo, é o direito da força.

Manifesta-se aqui a maior opposição, que existe entre a Legitimidade e a seita liberal.

Entre a força do direito e o direito da força, está a linha que limita os dois campos adversos.

Os legitimistas vão basear seus principios de direito nos dogmas, que o espirito recto da humanidade venera e segue.

Os liberaes chamam as turbas, e em horas de discordias formam as leis pela voz da multidão poderosa em seu numero, par-

Elles (os liberaes) affirmavam os principios de 89, e gritaram por liberdade, egualdade, fraternidade, mas nunca tencionaram executar-os: nós executamos sem fallarmos tanto d'elles (2).

Nós aspiramos á liberdade, e por isso nos desembarçamos d'instituições, de costumes, das prisões do casamento e da familia, e de votos de parlamentos, e de to-

te illustrada nos clubs, parte arrastada para a força das circunstancias do momento.

Não acreditamos, que a communa invoque sinceramente a minoria.

A força das massas populares, o terror do numero e das violencias, são a sua arma.

Se não fosse assim, a communa seria uma mera phantasia de loucos e de ambiciosos.

(2) E' horroroso este systema, dos liberaes, de desmoralisarem os povos com as utopias revolucionarias, e com o secreto e covarde intento das conveniencias de seita

Cada vez acham mais bem merecido o flagello d'essa trindade liberal, Robespierre, Marat, Danton, que poseram em practica e á risca nas ruas de Paris e em toda a França as perversas doutrinas, que os hypocritas conservadores ensinaram á multidão ignorante e crédula.

E' este um crime tão baixo, como o de corromper a innocencia, e manchar o lirio da virgindade, e as consequencias são mil vezes mais funestas!

das mais restricções e freios postos á nossa vontade individual (3).

Nós aspiramos a uma irmandade, e por isso olhamos para todos os homens como nascidos d'uma só mãe, e rejeitamos todo o interesse egoista, como patriotismo, nacionalidade e quantos outros (4).

Nós aspiramos á egualdade, e abolimos por tanto todas as distincções e privilegios até a posse da propriedade, e a isto chamamos apothese do trabalho, onde não

(3) Isto é, somos francamente liberaes, confessamos, que a nossa liberdade não respeita os deveres das mesmas leis naturaes, porque a nossa liberdade é a licença. E assim a queremos para satisfazer as nossas paixões!...

Ao menos teem o assomo do tigre, não rastejam por entre os juncaes, similhando a cobra, como fazem os liberaes-conservadores!

Ou bolça, ou vida!... Nada de venenos maçonicos!...

(4) Esta confissão vale uma obra — prima de eloquencia e de logica. Vede; elles, os liberaes só aspiram á irmandade. Segundo as suas theorias chega a ser um erro politico, se não é um crime, amar a Patria.

Será preciso ir procurar outras causas da ruina das diferentes nações da Europa, dominadas por os governos revolucionarios?

Que dedicação podem elles ter por os paes a seu cargo, se os compromissos da seita os leva á utopia d'uma republica universal?

de salvação no meio d'esse dilúvio d'errões e de crimes.

Debalde o liberalismo, tremendo diante da ultima consequencia de seus principios, se esforça por apagar o petroleo da communa: não pôde; porque postos os principios, é logico a deducção das consequencias: o liberalismo caducou, só lhe resta morrer na inundação de seus erros; e a sociedade morrerá tambem com elle? não, é um impossivel; a sociedade só hade acabar, quando no mundo não houver homens: ella hade ser salva.

Mas será o liberalismo que poderá salvar a sociedade? o liberalismo que a conduziu á beira do precipicio? o liberalismo, cuja doutrina é as premissas da communa? o liberalismo que motivou os flagellos, que temos?... não por certo. O liberalismo pôde no seu principio seduzir muitos: agora ahí estão suas consequencias: os factos devem ser o ultimo desengano para todos aquelles, que ainda tem algum sentimento e amor do bem e da justiça.

Os maçoens e a pena de morte

São bem conhecidas as ameaças brutaes que o «Pelicano» [folha maçoonica do Pará] dirigiu aos catholicos, e que occasionaram a justa reclamação do Exm. Sr. Bispo d'aquella diocese.

Não se supponha, porém, que os maçoens do Pará sejam menos humanitarios que os outros: todos revelam ideias e propósitos igualmente sanguinarios sempre que julgam o terreno preparado a seu geito.

E senão vejamos: No principio deste anno organisou-se em França uma nova associação maçoonica, cujo programma, descaradamente selvagem, foi transcripto pela «União Catholica» de 19 de Janeiro sob o titulo de «Maçonaria Reformada», e resume-se nas seguintes palavras: «Os nossos inimigos são condemnados á morte. Pelos meios que a nós devemos matar-os (!!!) sem hesitação. Para este fim todos os meios são bons — o ferro, o fogo, o veneno».

O sr. José Mazzini, no Estatuto que escreveu para os seus discipulos (1.º volume de suas obras) não menos revella o instincto sanguinario que domina semelhante gente, quando se exprime nos seguintes termos: «Os membros que não obedecerem ás ordens da sociedade secreta, e os que revelarem os seus mysterios serão apunhalados sem misericordia. O tribunal secreto pronunciará a sentença, confiando a execução immediata a um ou dois adeptos. O adepto que recusar a execução da sentença será morto como perjuro. Se a victima se evadir será perseguida immediatamente em todo lugar, e será morto por mão invisivel, entre os braços da propria mãe, ou dentro do mesmo sacrario de Christo!».

Com effeito, tão invisivel foi a mão que assassinou João Pym, (victima das iras sectarias, conforme a opinião geral) que ainda não foi descoberta.

O sr. Clavel afirma que Felippe Egalité foi degollado em 6 de Novembro de 1793, porque erreviera uma carta ao conselho do Grande Oriente, dizendo que, acabada a revolução não era mais necessario o segredo [Histoire pittoresque de l'F. M. p. A. c. 7].

Mas para que citar estes e outros factos e testemunhos, tão conhecidos? Contentemo-nos por agora em recordar a Bulla que graviosa, expedida por Leão XII contra a maçonaria, e veremos que esse soberano Pontifice atesta e lastima, entre outras cousas, o terror publico causado pelos impios punhais com que os maçoens, traiçoeiramente, assassinavam aquelles que condemnaram á morte.

Ora, se os maçoens illegalmente adoptaram em seus estatutos reservados a pena de morte, e se desapiadadamente a executam, e propalam que o ferro, fogo, veneno, petroleo e qualquer outro meio destruidor pôde e deve ser empregado contra os inimigos: por que tanto declamam contra a pena de morte legal?

Qual a razão do odio maçoónico contra esta pena? Será o amor á humanidade, como dizem os da seita? Meditando bem sobre esta questão é facil assignalar como causa de tão grande odio os mesmos principios e interesses da maçonaria.

Na verdade o proprio fundamento do maçoensmo é a liberdade para o mal. Ora, a pena de morte é o freio mais forte que se pôde empregar para conter os maus, e toda em damno destes e a favor dos bons, que muito longe estão de merecel-a, em vista de seu proceder sempre pautada pelo justo e honesto.

Aqui vem a proposito a sentença de S. Paulo (1 Tim-9.) que a lei não foi feita para o justo.

Os bons encontram na pena de morte solida garantia contra as offensas, ao menos as mais graves, que poderiam receber dos maus, que deste modo são obrigados a respeitar a vida alheia, unicamente para se livrarem do supplicio.

A pena capital, infringindo irremediavelmente o maior dos males, torna-se por isso mais temida dos perversos. Em qualquer outra pena alenta-os ao menos uma apprehensão ou esperanza, que falta na de morte.

Assim na prisão, por exemplo, embora seja perpetua, o prezo nutre a esperanza de recuperar a liberdade por meio de uma graça do soberano, ou por meio da fuga, quer seja esta promovida ardeiramente ou com dinheiro, quer seja o resultado das revoluções politicas, hoje tão frequentes.

Assim pois, a pena de morte além de se oppôr ao principio maçoónico da liberdade para o mal, vae de encontro aos interesses da seita, que consistem no livre uso do punhal e petroleo, tão frequentemente empregados por ella.

Ora, tratando-se de infligir penas inferiores poderá a seita prometter a seus mandatarios livral-os, empregando para isso as diligencias possiveis, e deste modo conseguirá acorçoar a execução dos crimes, mas desde que a pena a impõe-se for a de morte, a certeza de que serão improprios neste caso os manejos maçoónicos, fará que recuem aquelles a cujas mãos tor confiado o punhal homicida.

Quem auctorisou a maçonaria para infligir a pena de morte? Não o foi Deus, nem o povo e nem ainda os seus proprios membros, pois que estes privadamente nenhum direito tem sobre a sua existencia individual. Logo devemos convir que illegal é semelhante pena quando infligida pela seita: ao passo que legal, justa e legitima se torna quando decretada pela sociedade, tendo neste caso a seu favor: 1.º o consenço universal e constante de todos os tempos, povos e legislações do mundo; 2.º o assentimento da Igreja Catholica expresso no ensino unanime de todos os theologos nunca contraditos pelo Episcopado; 3.º a Escripura Sagrada do antigo e novo testamento que reconhecem no poder civil o direito de condemnar á morte. Todo o que derramar o sangue humano, disse Deus a Noé, será castigado com a effusão do seu proprio sangue (Gen. IX 6).

S. Paulo escrevia aos Romanos [XIII-4] que os perversos devem tomar, porque não é debalde que o Principe traz a espada: elle é ministro de Deus para castigar aquelle que obra mal.

Fidalmente a propria razão e a experiencia dos tristes resultados que provieira da abolição ou desuso da pena capital, são novos motivos em apoio della.

Com effeito, para que a natureza constituiu o poder social senão para a manutenção da justiça e defeza efficaz da sociedade?

Ora, crimes ha tão horrorosos como o parricidio, a traição da patria, etc., que nenhuma outra pena tem com elles proporção conveniente senão a de morte. A mesma razão nos dicta que é indigno da vida quem a tirou ao auctor dos seus dias; que o homicida voluntario deve perder a vida por não do poder social, em virtude da igualdade incluída no conceito de justiça.

Além disto ha crimes tão destruidores da ordem publica e dos direitos dos cidadãos que o temor de uma pena menor que a capital não bastaria para conter os delinquentes, especialmente nos Estados livres, onde são prohibidos os meios preventivos do crime. N'estes casos a defeza efficaz da sociedade razoavelmente exige a pena de morte.

II

Assim como o medico é movido a cortar do corpo humano a parte gangrenada no louvavel intuito de vedar que a propagação do mal produza a morte; do mesmo modo o poder legitimamente constituido não deve hesitar em fazer desaparecer do corpo social o criminoso, que neste caso se torna um membro gangrenado, cuja conservação tem de enfectar a parte sã.

Donde se vê que verdadeira philantropia é sustentar a justiça da pena capital. Este aserto se manifesta verificando-se o augmento espantoso que tiveram os crimes, onde a pena de morte foi abolida, ou cahiu em desuso.

Respondamos brevemente aos sophismas com que os pretensos philantropos, para os fins indicados no nosso artigo precedente, impugnam a pena ultima.

Dizem elles que só Deus é o auctor da vida humana, e consequentemente ninguém a pôde tirar. Mas esta consequencia é falsa, porque, se o poder politico procede de Deus, é como tal que decreta a pena de morte. Como negar a este poder o direito de infligir a pena capital, em vista dos argumentos citados na ultima parte do mesmo nosso precedente artigo?

E de mais, se prevalecesse, com relação á pena de morte, o sophisma que acabamos de indicar, deveria prevalecer tambem a respeito da guerra, a qual ficaria sendo intrinsecamente illicita, o que ninguém admite.

Ora, se a guerra justa é licita, embora nella morram muitos innocentes, com

maioria de razão devemos considerar licita a execução dos criminosos.

A sociedade punindo, (continuum os philantropos sophistas) só pôde tirar o que deu, e como ella deu apenas a liberdade juridica, desta somente pôde privar, por meio de prisão mais ou menos longa. Contestamos que a sociedade dê a liberdade juridica, isto é, a faculdade de usar dos proprios direitos sem opposição da parte dos outros: a sociedade o que faz é tutelar essa liberdade, que só a natureza a dá.

Tambem negamos que a sociedade possa tirar somente o que deu, porquanto ella não pune por auctoridade propria, mas em virtude da que recebeu de Deus. Ora se a fonte do direito de punir é a divinação divina (quer immediata, quer mediante o povo) não poderemos negar semelhante direito ao poder social, sem negar ao proprio Deus, o que seria blasphemia.

Não pode ser licita uma pena, que (como a morte) destrua a personalidade do homem.

A isto respondemos que a morte não destrua a personalidade physica do homem, porque a vida do corpo não constitue toda a vida do homem, e a pessoa humana é formalmente constituída pela alma immortal.

Não destrua tambem a personalidade moral, isto é, a dignidade moral do homem, porque esta só é destruída pelo crime, e desde que a pena de morte faz triumphar no culpado a parte racional sobre a sensitiva, restitui-lhe a dignidade moral damnificada pelo crime.

Se a pena capital destruisse a dignidade moral, fal-o-hia enquanto pena, ou enquanto morte.

Mas enquanto morte não destrua a dignidade moral do homem, porque se a morte incluisse tal desordem, seria illicito infligir-a no caso de legitima defeza, e tambem o seria aos soldados nos campos de batalha.

Enquanto pena tambem a não destrua porque a ideia de pena inclue a de ordem, e a ordem é fim e perfeição da creatura racional; logo como pena tem ella a restabelecer a ordem moral perturbada pelo crime, e ao mesmo a dignidade moral do criminoso.

A pena capital (insistem os philantropos impugadores) vae de encontro a ordenação natural.

Nada mais falso, respondemos nós. Se a vida presente é meio e não fim, é claro que quem a destrui cedendo a exigencia do bem, considera-a como meio, e deste modo accomoda-se a ordenação da natureza, com tanto que a auctoridade emane de Deus.

Uns dos fins da pena (objectam os sectarios), que é a emenda do culpado, não se preenche na de morte.

Dizer isto é confundir a auctoridade paterna com a civil: o pae, tendo por fim a educação do filho, pune-o para corrigi-lo, ao passo que o Principe, a cujo cargo está a tutela da sociedade e a manutenção da justiça entre os cidadãos, tem por fim quando pune, defender a sociedade e restabelecer a ordem violada. Com tudo muitissimas vezes obtem-se tambem este fim da punição civil, isto é, a emenda ou arrependimento do culpado.

A morte, dizem ainda os sophistas, não contém os perversos, inspirando-lhes mais horror que qualquer outra pena. O facto e a razão desmentem tão gratuita asserção: o facto, por que nenhum condemnado á morte deixa de appellar para uma commutação em pena de prisão perpetua; e a razão, porque sendo a vida o fundamento de todos os bens, naturalmente é grande a repugnancia que se concebe em perdela, sendo que para os perversos a morte se lhe apresenta como o mais formidavel e extremo dos males, se regeitam os confortos da religião.

Concluiremos repetindo que a verdadeira raiz do movimento que hoje se manifesta contra a pena de morte, é a manha dos sectarios, que desejam remover este obstaculo demasiadamente opposto aos seus designios sanguinarios.

Todos os sophismas com que pretendem provar ser illicita a pena de morte serviriam para impugnal-a tambem com relação aos militares, para os quaes julgam-na necessaria os mesmos que a combatem a outros respeito. Se fôra illicito infligir a pena de morte, em caso algum se deveria admitir.

Possam estas nossas palavras illuminar os illudidos que fazem echo com os maçoens declamando contra a morte legal e nada dizendo de illegal infligida pela maçonaria.

Um Catholico Brasileiro.

Á redacção do «Bem Publico».

O odio do liberalismo a tudo quanto pertence á Igreja Catholica, e que se manifesta quasi sempre, mais ou menos encaetado (segundo as circumstancias), nos taes Palramentos liberangas, deixou-se ainda ver na semana ultima, em uma discussão na camara franceza, sobre as Caridades Communaes. O talentoso e eloquen-

te Bispo d'Orleans propoz, e sustentou, que o parochio devia sempre ser um dos membros da commissão de taes caridades; e apoiou sua opinião com poderoso discurso. Uns representantes da esquerda — que, já se entende, não podia deixar de mostrar-se esquerda, — interromperam o Bispo em seu discurso; e o presidente M. Greyy, apesar de liberal — mas não Liberranga, — caracterizou as interrupções de indecentissimas. O artigo mandando incluir o parochio nas commissões legalisadas, quando os houvesse no districto communal, foi votado quasi por unanimidade.

No seu discurso mencionou o Bispo o facto, de que se achavam estabelecidos em França pelas «Irmazinhas dos pobres», Petites (Soeurs des Pauvres) 120 hospicios, onde se cuidava de 20.000 pessoas pobres, idosas, com o maior carinho e delicada caridade; e que pelas mesmas irmãs esses asylos tinham sido estabelecidos.

Ao dizer isto o illustre Prelado um dos esquerdos perguntou arrogantemente: «? E que foi feito dos herdeiros?» — Ao que o Bispo respondeu, que no seu proprio bispado, as Pequenas Irmãs dos Pobres tinham, agora mesmo recusado uma deixa que se lhes fazia de 1.500.000 francos (270 contos), e consentindo e approvando a deixa os parentes do testador; dando ellas por motivo da recusa, que se acceitassem uma tal deixa, deixavam de ser as Irmazinhas dos Pobres. E acrescentou o digno Bispo, que tal recusa e tal resposta tinham sido dadas pelas Irmãs sem mesmo lhe darem parte a elle, ou o consultarem. Encontrar-se-hia jámas um caso assim no mundo liberanga?...

Londres, Domingo de Ramos.

A. R. Saraira.

Liberalismo e maçoensmo.

E' notavel o seguinte artigo, e mui conforme com as nossas ideias: por isso o recommendamos aos leitores. E' transcripto da União do Recife:

«Todos aquelles que souberem um pouco de historia e de religião e tiverem acompanhado o movimento da imprensa periodica dos diferentes paizes, hão de concordar comnosco, em que o liberalismo é tão contrario á verdadeira liberdade como á religião unica e verdadeira.

Desde o seu nascimento até hoje tem ella mostrado por palavras e por obras que aborrece tanto a liberdade como a religião catholica.

Nasceu aquella heresia politica do livre exame lutherano; foi levada ás suas ultimas consequencias anti-sociaes por Munzer e João de Leyden; sustentou-se nos estados catholicos com o tractado de Westphalia; penetrou nos governos absolutos debaixo dos nomes de galicanismo e jansenismo, e mais tarde chamou-se regalismo. Rousseau lhe deu uma forma politica, em fim os revolucionarios de 89 lhe deram um codigo fundamental na celebrissima declaração dos direitos do homem.

A revolução de 89, essencialmente liberal, mostrou-se infatigavel perseguidora da ideia e até do nome catholico. Cevou o seu odio no sangue de centenas de sacerdotes da religião catholica.

Em seu curso pelos diversos paizes o liberalismo tem-se mostrado terrivel inimigo da religião. Por toda a parte a Igreja é o seu maior inimigo e a persegue em quanto pôde. Persegue-a na Alemanha, na Austria, em França, Hespanha, Portugal, e Italia.

Da Europa, onde teve o seu berço passou á America e em todas as republicas de origem hespanhola assim como no Brazil, tem mostrado que o maior adversario que tem a combater é a Igreja Catholica.

Em parte alguma tem levantado a cabeça que não tenha decretado a sua impia perseguição.

Este facto é constante e por elle se prova a relação que existe entre o liberalismo e a guerra ás instituições catholicas.

Vêde a attitude que tomaram os seus apóstolos diante do Syllabus e da constituição Pastor aeternus.

Mas o que é notavel, é que o liberalismo para melhor chegar aos seus fins põe-se de joelhos diante do Evangelho, bate nos peitos e diz: sou religioso, adoro a religião!

Não vos pareça que exageramos. Lutero, patriarcha do liberalismo, pretendia ser o restaurador dos tempos primitivos do christianismo.

Os annabaptistas do seculo XVI matavam, roubavam e incendiavam com o evangelho na mão.

Os galicanos tinham como uma injuria os chamarem anti-catholicos.

Os jansenistas affectavam uma severidade de principios e de procedimento que assustava.

Os regalistas pretendiam que os reis fossem mais catholicos, que os Papas. Rousseau extasiava-se contemplando a

vida e a morte de Nosso Senhor Jesus Christo.

A revolução franceza por amor da religião queria uma igreja nacional, governada pela constituição civil do clero.

Finalmente Mazzini, o impio e atheu Mazzini, os assassinos de Rossi e os deputados da Republica romana em 1849 ordenaram a exposição do Sanctissimo Sacramento nas Igrejas, decretaram festas á Sanctissima Mãe de Deus e procissões de Corpus Christi!

Eis o que é, e o que faz o liberalismo.

O maçoensmo, que é filho do mesmo pae, procede com o mais admiravel accordo com o seu irmão. Sympathias secretas os relacionam. Animam-se reciprocamente e parece terem convençionado chegar ao mesmo fim pelo mesmo caminho.

Foi tambem depois do protestantismo e com a sua protecção que elle definitivamente se organisou.

Elle se diz, na Europa como no Brazil, eminentemente religioso, mas é para melhor esmagar o infame.

Para não desgostar as massas, o maçoensmo falla muito de Deus e da religião; reveste pertidamente os seus codigos com certos artigos de moral natural; falla ás vezes da Igreja e dos mysterios com um certo respeito, e para melhor illudir chega até a disfarçar os seus embustes com os nomes e as ceremonias sacrosanctas da religião.

Mas é certo que o Deus que o maçoensmo finge adorar sob o phantastico nome de Grande Architecto não é o Deus vivo, uno e trino que os catholicos adoram.

O Deus do maçoensmo é o Deus de Voltaire, é o ser supremo de Rousseau, de Renan e de Garibaldi.

Quereis uma prova incontestada, que para o maçoensmo não ha nem um só Deus nem um só Baptismo, nem uma só fé, como para os catholicos?

A maçonaria não exclue religião alguma; o mahometano, o judeu, o buddista, o fetichista, o protestante, todos podem ser membros, porque a maçonaria está acima das divisões religiosas e mesmo de toda a creença em um Deus qualquer.

Quem não tem lido o que ahí fica escripto nas gazetas maçoonicas de todas as partes do mundo, e até nas do Brazil, na de Pernambuco?

E não obstante o maçoensmo se diz religioso e até catholico, e assim vae recrutando aquelles que dizendo-se catholicos são verdadeiros protestantes, isto é, indifferentes a toda a especie de religião positiva.

Tambem o liberalismo tem como principio constitutivo do seu codigo, que todas as religioes são egualmente verdadeiras, que todos tem direito de manifestar as suas creanças, de praticar o culto que lhe apraz; que o erro e a verdade tem os mesmos direitos. Que accordo!

O accordo do liberalismo com o maçoensmo na ordem politica não é menor que na ordem religiosa.

Este apunhalha piedosamente o monoquim coroado, elligie de Philippe o Bello, aquelle tambem quer um rei monoquim.

O republicanismos é o alvo commum de ambos, — mas um republicanismos impio e despotico.

Aviso aos catholicos.

A agitação e a inquieta oppressão dos espiritos á vista das reuniões e manejos da maçonaria n'estes ultimos dias, leva-nos a cumprir um dever sagrado, avisando e advertindo os nossos caros leitores para que não caiam no laço que estão ahí armando á sua boa fé.

Estas reuniões, feitas pela primeira vez á luz do dia, tiveram por fim, como declararam os mesmos jornaes orgãos da seita, tomar medidas contra o primeiro Pastor d'esta diocese, e outros Bispos do Brazil que defezera da Religião Catholica, Apostolica Romana contra os ataques da iniquidade.

O pequeno numero de maçoens que tomaram parte em taes reuniões, prova bem a repugnancia, que sentem os maçoens mais cordatos, de acompanhar esse grupo de agitadores, republicanos e ultra-liberaes, grupo bem conhecido que não deixará de aproveitar-se habilmente de tudo isso para seus fins politicos.

Duas medidas principaes foram tomadas.

A primeira approvando e louvando a maçonaria de Pernambuco, que pediu e exigiu do governo a expulsão dos Jesuitas qualquer que seja sua denominação, isto é, o desterro para fóra do imperio de todos os missionarios catholicos, de todos o bons sacerdotes e institutos religiosos, que tanto bem estão fazendo ao nosso paiz; e tambem, pelo que parece, o desterro de todos os bons sacerdotes e Bispos brazileiros, pois tambem a estes denominam jesuitas.

Pode-se verificar isso lendo a representação que enviaram á Assembleia Geral Legislativa.

Ora a maçonaria do Pará approva, louva e acha isso muito bom, e dá os parabens á sua irmã de Pernambuco.

Uma lei de ostracismo, uma lei barbara e cruel, tão alheia, tão opposta á indole

todas as tribulações temporais nunca mais o pôde esquecer. Como foi bello e risonho o começo do seu reinado e como prometia coisa mui diferente de um mártirio cada vez mais cruel!

E' esta aurora, não havia um *fachino* que não trouxesse bordado no seu barrete um *Viva Pio IX!* A policia romana não tinha outro cuidado que não fosse proteger contra as intemperanças e intempéries populares os passeios do Papa. Principes ha, que receiam fazer conhecer d'ante-mão os seus itinerarios a fim de diminuir as probabilidades dos tiros de revolver. Os do Papa eram occultados para lhe pouparem o supplicio dos arcos triunfaes e a fadiga de ovações quotidianas.

Este principe tinha de defender-se do enthusiasmo de seus subditos. Ia prégar como um simples vigário a primeira egreja onde o levava a inspiração do momento. A christandade, que ha seculos estava desaccostumada de ver um Papa a prégar, sentia correr-lhe nas veias uma nova seiva que a remocava.

Pio IX sabe ser soberano, mas prefere ser pae. A sua casa — hoje tão estreita e vigiada — é realmente a casa de Deus. Ha quatro ou cinco pessoas que obtiveram uma carta pessoal d'audiencia; não importa! Pôdem apresentar-se trinta, que todas trinta serão admitidas e bem acolhidas. D'estas audiencias não se sae melhor: sae a gente inteiramente outra; vem para fóra possuida do Papa.

Se lhe fóra possível manifestar-se a todos, como não mingüaria o numero dos livres pensadores!

Em 1860 obtiveram do Papa uma carta d'audiencia dois francezes muito notaveis, cujos nomes occultarei; na mesma hospedaria havia um joven compatriota que elles conheciam como livre pensador. Sem embargo, convidaram-n'o a acompanhal-os, e não lhes deu pouca que fazer o resolveu-o, porque lhe desgarravam as genuflexões.

Vinde d'ahi ainda que não seja senão por curiosidade. *Diavolo!* não se vê um Papa todos os dias!

O livre-pensador sedeu; verificou-se a recepção, e quando terminou, perguntou-lhes o Papa, segundo o seu costume, se tinham alguma coisa a pedir-lhe. Uns deram-lhe rosarios e medalhas para benzer; outros pediram-lhe esta ou aquella lembrança. O livre-pensador quedou-se mudo, insensível, frio.

O Papa attentou n'este silencio arrogante; deu um passo para o mancebo:

— E vós, meu filho, nada tendes a pedir-me?

— Nada, Santidade.

— Mesmo nada?

— Nada.

— Ainda tendes pae?

— Tenho, Santidade.

— E mãe?

— Minha mãe já morreu.

— Pois meu filho, como nada tendes a pedir-me, vou eu pedir-vos uma coisa.

O voltairiano pasmado.

— Meu filho, quero pedir-vos a graça de dizer um Padre-nosso e uma Ave-Maria por alma de vossa mãe. Não querereis pôr-vos de joelhos commigo?

O Papa apojou-se, e o moço imitou-o.

Quando se ergueu, tinha os olhos rasos de agua, e saiu com a voz embargada pelos soluços.

Já não ha quem os não conheça.

Se algum catholico ainda acredita (o que nos parece impossivel) na boa fé com que os republicanos hispanhoes gritam: *liberdade, equaldade e fraternidade*; justiça, direito d'associação etc. etc. lêa o seguinte:

Ha dias nos dizia o telegrapho que os jesuitas haviam sido expulsos do seminario de Salamanca; vejamos agora como a tal respeito discorre uma folha de Madrid:

Os jornaes e cartas de Salamanca nos dão conta de um barbaro e inqualificavel attentado de que hão sido victimas não só a liberdade e as pessoas de honrados e pacificos cidadãos hispanhoes, como a pretendida sciencia e supposta illustração com que tanto se desvanecem os panegyristas do seculo XIX.

Referimo-nos á expulsão dos jesuitas do seminario de Salamanca.

Quando na dita cidade se constituiu a junta revolucionaria a 11 de fevereiro, se iniciou n'ella a idéa de expulsar os jesuitas; que por commissão do prelado ensinavam no seminario.

O governador tornou a encarregar-se do commando, na madrugada do dia 12, e as coisas continuaram como estavam; com grande desgosto dos republicanos, que se entregaram a um incessante e surdo trabalho de mina, a ver se podiam concitar o povo contra os filhos de Santo Ignacio.

Tudo foi baldado: estes heroicos discipulos de Christo são tão amados por aquelle povo, que os esforços dos impios se mallogaram na indifferença e desprezo dos honrados salmanticenses.

Em vista do nullo resultado de suas tentativas, a municipalidade popular resolveu levar uma exposição ao governo pedindo-lhe a expulsão, pensamento a que só dois membros d'essa corporação se oppozeram.

A iniquidade era tão evidente, que sem duvida o governo se assustou, e indicou seu desgosto á municipalidade.

A irritação dos federaes foi tão grande, que no dia 6, pela noite, se apresentou ás portas do seminario um grupo de republicanos para intimar aos jesuitas que desoccupassem o edificio no prazo de 48 horas. Os membros da Companhia de Jesus curvaram a cabeça á brutal imposição, e no dia 7 começaram a desoccupar o seminario os cathedraes e os collegiaes, deixando-o de todo desalojado no dia 8 pela tarde.

Assim se verificou em Salamanca a expulsão dos jesuitas; *sem que houvesse scenas dolorosas*, como diz com barbara serenidade a *Correspondencia*.

Acto continuo se installou no edificio o sr. bispo com seus familiares, decidido a não abandonal-o, ainda que tivesse de soffrer o martyrio.

Este acto de sublime heroismo do evangelico prelado produziu seu effeito; pois os federaes que pensavam em completar sua obra apoderando-se do edificio, não poderam conseguil-o, graças á energica attitudão do sr. bispo.

Não é facil descrever, dizem todas as cartas, a dôr, a desconsolação e até a desesperação que se manifestou em todos os rostos.

A um jornal liberal escrevem d'alli dizendo-lhe que dos 16:000 habitantes que tem Salamanca, 15:950 deploravam o deshumano e despotico attentado.

Nada tem isto de extranho, se attendermos a que toda a cidade de Salamanca tem que agradecer aos jesuitas beneficos que nunca pôdem olvidar-se.

Dayam elles gratuitamente esmeradissima educação aos filhos dos pobres; repartiam esmolos pelos necessitados; eram, em fim, a Providencia de todos os que soffriam na alma e no corpo.

Por isso se comprehende o que succedeu, apenas correu pela cidade a noticia da expulsão. Em seguida se reuniram quasi todas as mulheres da cidade, e correndo ás immedições do seminario começaram de apostrophar algumas dezenas de bandidos que, por serem os unicos armados da cidade, punham em pratica tão brutal medida.

O governo telegraphou ao governador para que não permitisse o escandalo: porém o alcaide popular, o presidente da junta republicana e o chefe da força cidadã responderam que, n'esse caso, não podiam responder pela ordem, e o governador consentiu em tudo, ainda que apresentando logo sua demissão.

Salamanca está, pois, de lucto!... A que nos tempos do *obscurantismo* mereceu ser chamada *pequena Athenas*; aquelle emporio do saber aonde nos tempos omissos affluam os sabios de todo o mundo, porque ainda havia alli quem pudesse ensinál-os, conservava esse pequeno resto de seu antigo esplendor e a revolução lh'o arrebatou. A mão da Igreja resguardava aquella luz vacillante, para que os ventos do liberalismo destructor não a apagassem, e, quando passasse a tormenta, pudesse outra vez brilhar como nos tempos passados, mas os republicanos não poderam soffrer esses resplendores e apagaram-n'a.

Em verdade, a republica, além de ser a *justiça e a ordem*, é tambem a *sciencia*!

EXPEDIENTE

ADVERTENCIA

O escriptorio da redacção e administração d'este jornal já não é na rua do Souto, n.º 41, mas sim na *Travessa de S. João* n.º 10. Toda a correspondencia, pois, relativa á redacção e á administração deve ser dirigida para alli, aonde se achará sempre aberto o escriptorio e presente um empregado

Estão authorisados para receber o importe das assignaturas os seguintes correspondentes:

Em Lisboa, o exm.º snr. J. A. no escriptorio do jornal a *Nação*, na rua do Bem Formoso.

Em Coimbra, o exm.º snr. Anselmo Maria Urbano de Sampaio, rua dos Militares.

No Porto, o ill.º sr. José Carlos das Neves, rua das Flores.

Em Vianna, Francisco José d'Araujo Junior, rua de D. Luiz.

Em Mondim de Basto o ill.º sr. João Baptista da Silva Ramos.

Na Covilhã, o ill.º snr. Luiz Antonio de Carvalho.

Em Lamego, o ill.º sr. José

Cardoso, com loja de livros na rua de S. Francisco.

Aos snrs. assignantes d'outras terras onde não temos correspondentes, pedimos o favor de nos remetterem o importe de suas assignaturas em sellos de 25 reis, ou em valles do correio Travessa de S. João n.º 10.

ANNUNCIOS

N. B.—A dalar de hoje bastará cozer a nossa farinha somente por um minuto, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embala-la, o que lhe dá uma cor escura, e um gosto muito melhorado.

Novidade em biscoitos. — A boa sociedade de Londres, adoptou actualmente para offerecer, juntos com o chá, ás suas visitas, os *Biscoitos de Revalescière*, fabricados na casa de Du Barry & C.ª de Londres; esta casa annuncia a chegada a Lisboa de algumas caixas d'este novo artigo de consumo, cujo deposito central é no largo do Corpo Santo n.º 16.

A fim de se conservarem em todos os climas, estes biscoitos são fabricados sem manteiga, nem leite, e nem ovos, o que os torna um pouco mais rijos que os ordinarios, mas evita o ranço a que estes estão sujeitos; desfazem-se rapidamente na bocca e comem-se, secos ou molhados em agua, em leite, em café, em chocolate, em chá, em vinho, etc. Refrigeram a bocca e o estomago, tiram as nauseas e os vomitos, quer da gravidez, quer do enjôo do mar, assim como ioda e qualquer irritação e cheiro da febre, ou depois de feições comprometedoras que tenham cebolla, alho, etc., ou bebidas alcoolicas, e depois de fumar. Conciliam o somno, abrem o appetite e facilitam a digestão, e são mais nutritivos que a carne, purificam o sangue, tornam as carnes mais macias e fortificam as pessoas ainda as mais fracas. Para as pessoas que viajam e que não têm cozinha são inestimaveis.

Em caixas de 1 lb. 800 réis; de 2 lb. 1\$400 réis; de 5 lb. 3\$200 réis.

Chocolate de Revalescière

Dez vezes mais nutriente que o chocolate ordinario, este delicado alimento purifica o sangue, fortifica e tranquilisa os nervos e o cerebro e enrija as carnes. Purificado, por meio de machinas especiaes, de todas as particulas irritantes do cacáo, este chocolate é util ás pessoas as mais delicadas e ás creanças de compleição fraca; abre o appetite, facilita a digestão e o somno, e reforça os mais enraquecidos, ainda aquelles que não podem digerir o chocolate.

Curacion núm. 76.448.—Verdun (Francia), 16 enero 1872.

Padecia desde cinco annos de dores do estomago em consequencia de males digestivos, etc.; não duvido certificar que o *Revalescière Chocolate* me salvou a vida. — Ernest Catté, Músico do 63 Regimento de linha.

Em pó, em caixas de 12 chavenas, 300 réis; de 24 chavenas, 800 réis; de 48 chavenas, 1\$400 réis; de 120 chavenas 3\$200 réis, ou 25 réis por chavena.

Depositos: — Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm., V. Botelho de Vasconcellos.—Figueira, Vieira.—Guimarães, Pereira Martins, pharm.—Lamego, Barros, pharm.—Lisboa, Barral Irmão, rua Aurea 128, pharm.—Carlos Barreto, pharm., rua do Loreto, 28.—Porto, deposito central para fornecimento dos depositarios, casa de Ferreira & Irmão, pharm., 77 rua da Banharía, Viuva Desiré Rahir, rua de Cedofoita 92, J. R. de Sequeira, rua da Banharía 65 (casa Vermelha), Henrique José Pinto, largo dos Loyos 36.—Vianna do Castello, Affonso, droguista.—Villa Real Julio da Silva, droguista.—Vizeu, Santos Paes, pharm.—Villa do Conde, A. L. Maia Torres.—Povoa do Varzim, P. Machado d'Oliveira.

Os boticarios, droguistas, merceeiros etc. das provincias devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Snrs. *Serzedello & C.ª* Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa. Deposito em Pernambuco: Ferreira, Maia & C.ª, rua Duque de Caxias. (J)

ATTENÇÃO

Candido Augusto Martins Pinheiro, rua de S. João n.º 11, depositario de tabacos da acreditada fabrica a vapor — *Lealdade*

— annuncia ao respeitavel publico que baixou ao preço do rapé, fazendo grande vantagem aos snrs. consumidores.

Venda a retalho em pacotes de 25 gr. (aproximação da onça) 40

Qualidades

Meio grosso mistura 40

Fino »

Meio grosso »

Idem em 250 gr. 400

Idem cruz de malta 450

Idem mistura superior »

Fino »

Existem mais em deposito rapé sêco e outros de superior qualidade, e fumos os mais especiaes.

Faz-se grande desconto aos snrs. estaqueiros.

BIOGRAPHIA

SUMMO PONTIFICE

PIO IX.

Extrahida do Periodico La Stella

TRADUZIDA POR J. A. V. S.

Vende-se em Braga na rua Nova de Sousa n.º 3—E, e nas livrarias, Catholica, rua do Souto, Germano, Bracarense e Chardron. — No Porto Lisboa e principaes terras.

Preço 120 rs.

BRADOS D'ALMA

Collecção de diversos escriptos sobre assumptos de religião, philosophia e litteratura

POR CUSTODIO VELLOSO

Preço 500 réis

(Pagos no acto da entrega)

Assigna-se na redacção d'este jornal.

VIDA DO NOVO BISPO D'ANGRA

POR Carlos José Caldeira.

Folheto de 120 pag., com o retrato em gravura do mesmo bispo, nitidamente impresso na typographia de Castro Irmão. Contém 12 capitulos com os seguintes titulos: Sua infancia—Estudante em Sernache do Bom Jardim—Administrando os negocios publicos na terra do seu nascimento—Estudante na Universidade—Secretario do bispo de Braga—Deão e vigario geral em Leiria—Superior do collegio das Missões—Estado do collegio das Missões, e elogios officiaes ao seu superior—Crise no collegio das Missões Ultramarinas—Bispo eleito e confirmado de Macau—Sagração do bispo d'Angra—Caracter do bispo d'Angra.

Tem um aditamento dividido em 4 capitulos com as rubricas: Analyse do relatório que procede o decreto de 21 de setembro de 1870 (que reorganizou o seminario de Macau)—Analyse do mesmo decreto—Effeitos do novo regulamento do Seminario de Macau—O padroado portuguez na China.

Vende-se em Lisboa nas livrarias Lavado, rua Augusta; Rodrigues, rua do Ouro; Catholica, rua dos capelistas; Mesquita, em Coimbra; Catholica no Porto, e nas principaes de Braga, Bragança, Leiria e Guimarães.

O MILAGRE

A CRITICA MODERNA

OU A IMMACULADA CONCEIÇÃO DE LOURDES

Opusculo offerecido á Associação Catholica

Portuense

PELO P.º José Joaquim S. Freitas.

O producto da venda d'este opusculo foi applicado e offerecido por seu auctor para as despezas do Monumento da Immaculada Conceição, que se está construindo no monte Sameiro, suburbios de Braga.

Vende-se em Braga em casa do sr. D. J. Vieira Machado, Praça Municipal (Campo dos Touros), n.º 17, a quem se podem fazer as requisições que os pertendentes

quizerem; os snrs. livreiros que desejarem porção, com dinheiro á vista, terão abatimento de 15 por cento.

Nas livrarias Catholicas de Braga, Lisboa e Porto, e nas principaes terras do reino.

Preço em broxura 400

com estampa da gruta. 160

IMPERIO DO BRAZIL

Preço por assignatura, encadernado 2\$00 réis.

Rio de Janeiro, ao cuidado dos snrs. Jacintho A. Pinto da Silva Junior, rua Nova do Ouvidor, n.º 25, (casa do sr. Pereira Braga) e Antonio Alves Matheus, rua da Quitanda, n.º 177. — Em Pelotas (Rio Grande do Sul) ao cuidado do sr. José Antonio Gonçalves Rodrigues.

LIVRARIA

DE EUGENIO CHARDRON

Chateaubriand - Os Martyres, 2. vol. 1\$400

— Genio do Christianismo, 2 vol. 1\$500

Cardenal Wissemann - Fabiola ou a Igreja das Catacumbas, romance religioso, 2 vol. 1\$500

Roquette - Sermões em honra de N. Senhora, 1 vol. 1\$200

Roquette - Homelias e Sermões . . . 1\$800

Guilloy - Explicação litteral e moral das Epistolas e evangelhos, 2 vol. 1\$500

Veuillot - Vida de Jesus Christo 1. vol. 400

Padre Marchal - A mulher como deveria sel-o, 1 vol. 400

Padre Gaume - Onde estamos? 1 vol. 500

Vozes propheticas, ou Apparições e predições etc., tracção do Rvd.º P.º Marnoco, 1. vol. 250

Todos estes livros são remetidos francos pelo correio.

A EGREJA CATHOLICA ROMANA

OS SEUS PERSEGUIDORES

Crises principaes por que ha passado a Igreja — seus triumphos — castigos dos seus inimigos.

POR D. MIGUEL SOTTO-MAYOR

(Porte inferi non praevalent adversus eam.

MATH. XVI, 18.)

Sob este titulo vaê brevemente sahir á luz um livro, no qual se historiam as crises mais perigosas, por que tem passado a Igreja de Jesus Christo, e se demonstra como, no decurso de 19 seculos, não tem deixado de patentear-se a divina protecção promettida á mesma Egreja pelo seu Fundador: — *E as portas do inferno não prevalecerão contra ella.*

Mostra-se mais, á luz da historia, que se os inimigos perseguidores da Igreja jámais têm ficado impunes, especialmente aquelles, que tem exercido as suas violencias na pessoa dos successores de S. Pedro, os Pontifices Romanos.

Nos tempos perigosos e difficeis, que vamos atravessando, a leitura d'esta obra será de algum proveito, para fortalecer os tibios, alentiar os fortes, e lembrar aos que abuzam do seu poder e auctoridade em detrimento dos direitos da Igreja, que algum dia soará para elles a hora da divina justiça, como tem soado sempre para os perseguidores contumazes da Esposa do Cordeiro.

Esperamos pois que o publico protegerá uma publicação, cujo é prestar um serviço á causa da Religião que é tambem (e agora mais do que nunca) a cauca da sociedade.

As pessoas que desejarem obter este excellente livro, que será impresso em bom typo e optimo papel pela diminuta quantia de 400 réis queiram assignar no presente prospecto e devolvê-o depois á livraria do editor Jacintho A. Pinto da Silva, rua do Almada n.º 134 a 136, no Porto, onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.

Tambem se recebem assignaturas nas seguintes localidades:

Em Lisboa, na Livraria Catholica, José A. Rodrigues, Martins Lavado, Zeferino, Campos Junior, Antonio Maria Pereira e outros.—Em Coimbra, na de José Mesquita, Manoel Cabral, e outros.—Em Braga, Livraria Catholica. — Villa Real, Antonio Custodio da Silva.—Guimarães, J. A. Freitas Guimarães.—Lamego, F. Marques da Rocha.—Vizeu, F. Ferreira dos Santos, e José Maria d'Almeida.—Ilha de S. Miguel, Marianno Machado,

BRAGA: TYPOGRAPHIA LUSITANA — 1872